

Cunhal, Vasco e Coutinho outra vez reunidos

Fins de Setembro. Quatro anos depois, Álvaro Cunhal, Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho voltam a juntar-se. Tal como há cinco anos, milhares de pessoas são convocadas, os órgãos de comunicação que dominam mobilizados, os mecanismos do partido postos a trabalhar a todo o vapor.

Desta feita não chegou a falar-se em reacção e a arrancar apenas para as barreiras nas estradas. A inventona agora precisou de algum sangue. Dois caixões, cobertos por panos do PC, serviram para montar todo o aparato. Cunhal gostaria talvez que fossem mais, que outras vítimas, outros mártires, servissem este fim de Setembro pré-eleitoral. Mas dois chegaram. Se Catarina Eufémia deu já para tanto o que não conseguirá o partido com dois cadáveres fresquinhos, atingidos por balas em pleno coração da Reforma Agrária?

Como sempre, tudo está edificado em cima dum "fait-divers" deliberadamente criado. Provocações de toda a ordem, insistentemente repetidas nos últimos tempos, mostram, claramente, que o PC precisava deste incidente. Ele acabou por acontecer — e fatalmente acontecerá dada a pertinácia dos que o buscavam — quando dum banal entrega dum reserva. Mais uma vez os pobres alentejanos foram arregimentados para se oporem, enebriando-os com "slogans", açulando-os com mentiras, instigando-os a irem sempre mais longe, a oporem-se sempre com mais violência. Como era preciso precipitar as coisas, às pedradas habituais misturaram-se cuidadosos tiros de pistola, forçando o natural instinto de defesa da Guarda. Pânico, tiros e, de repente, o almejado resultado ali estava: dois alentejanos atingidos mortalmente, no "plano abandonado que a morna brisa aquece". Cunhal, Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho voltam a juntar-se em fins de Setembro, tempo de inventonas. A máquina do partido está em marcha. Custou a vida a dois rurais, mas que são dois mortos para a visão histórica do partido? Nada. Menos que nada. Stalin, o mestre, o deus vivo de Cunhal, mandou matar trinta e cinco milhões apenas para "normalizar" um pouco as coisas na União Soviética. Dois mortos é pouco, quase nada, mas chegam para Cunhal arrancar...

A bofetada

Noutras circunstâncias, não, claro. Tivesse Portugal um governo-GOVERNO, e a hesitação seria nenhuma. Tivesse Portugal um Presidente da República com estatura de PRESIDENTE e a reacção seria imediata. O PC pode ser um partido político, organizar comícios, candidatar-se a eleições. Não pode é opor-se à lei, desafiá-la impunemente, escurraçá-la dos locais onde se instala.

Quem mobiliza os trabalhadores, os transporta, os incita a desafiar a lei, a apedrejar os agentes da autoridade, a actuar violentamente contra as decisões do Estado, tem que ser imediata e cristalinamente responsabilizado. Cunhal é tão responsável pelo que se passou nos arredores de Montemor-o-Novo, como se tivesse disparado os tiros fatais. E isso tinha que ser afirmado sem sombra para dúvidas e de imediato.

Sabe-se que não foi isso o que se passou. O governo reuniu-se, tergiversou, afirmou-se penalizado e inquieto... e mandou abrir um inquérito. Paralelamente, agachou-se. As entregas de reservas que deveriam ser feitas no dia seguinte foram suspensas. A lei dobrou-se face à violência. Por esses quartéis da Guarda Nacional Republicana, por todo o País, terá passado um frêmito de receio. Mesmo para defender as vidas, podem eles disparar? as ordens vindas de cima são realmente para cumprir? Que apoios têm, afinal, frente aos agitadores organizados que os cercam?

Pior. Por todo o sacrificado Alentejo terá corrido uma sombra. Afinal é verdade. É o PC quem manda efectivamente no Alentejo. É o PC quem impõe a ordem e a desordem, quem estipula, quem tem o direito ao trabalho, quem decide quem vai morrer, quem manda abrir e fechar

as lojas. Em vésperas do início da campanha eleitoral, a bofetada não poderia ser maior. O PC não aceita mudanças no seu feudo, não permite revoltas, não hesita perante nada. E fá-lo com a segurança de quem sabe que Belém ficará mudo e quedo, que S. Bento manifestará "pesar e inquietação". Só.

Não vale a pena...

A Televisão e a Rádio insistiram, depois, em mostrar como é. Rebanhos de pessoas com bandeiras negras, gritos e choros, bandeiras nacionais a meia haste, discursos políticos à beira da campa. Quase funerais nacionais exibidos a um país incrédulo e chocado. Alguns terão recordado o funeral do soldado atingido no Ralis, também ele aproveitado para esmagar a Nação que não sabia como reagir. Mas nessa altura Vasco Gonçalves era o primeiro-ministro, Costa Gomes presidente e o PC o dono do país. Hoje as coisas teriam que ser diferentes. E foram-no, de alguma maneira. O país não é todo deles, mas o Alentejo ainda é. E a máquina do partido serviu-se dos meios que ainda tem, que são muitos e que ninguém lhe quer tirar, para mostrar aos alentejanos que não vale a pena tentarem rebelar-se.

Chilrear em Nova Iorque

Alarmada com tudo isto, Maria de Lurdes Pintasilgo atrasou por 24 horas a sua viagem a Nova Iorque. Tempo suficiente para mandar dizer em longo comunicado que continua a acreditar nas virtualidades do diálogo. Houve quem lhe sugerisse imediatamente — e bem — que fosse então ela fazer as entregas decididas pelo governo, dialogando com os arruaceiros. Acreditar nas virtudes do diálogo é certamente isso. A GNR ficará contente de ser dispensada da ingrátissima missão que lhe cabe, se a primeira-ministra for lá abaixo resolver a situação com dois argumentos e três sorrisos. O pior é que, se pôr a faixa numa "miss" em Viseu pode dar azo a uma vaia monumental, entregar uma reserva no Alentejo pode resultar em coisas bem piores. Por isso, Pintasilgo (ML) achou por bem deixar as coisas em mãos tintas e ir antes dialogar para Nova Iorque, onde não há perigo de a apedrejarem ou coisa pior. No aeroporto, a coragem não lhe deu para mais do que para referir "certas forças" que "pressionam" para "desestabilizar". Mas os portugueses — acrescentou — não se deixam enganar por este tipo de conversa. Sabem que quem evita dizer alguma coisa é porque quer dizer nada. Sabem já, e agora sem qualquer margem para dúvidas, aquilo que muitos adivinharam desde o princípio: que o tal governo da neutralidade é apenas o governo da contemporização. Sabem que o PC apoiou este governo perfeitamente consciente de que dele não lhe viria mal, não lhe viria oposição, nele não encontraria firmeza.

Por isso, enquanto Pintasilgo chilreia em Nova Iorque, o PC esfrega as mãos de contente em Lisboa. Foi dada a primeira bofetada e ninguém reagiu. O terreno está mole. Agora é só continuar. E eles vão continuar, podem ter a certeza. Sem receios da brutalidade, porque o sangue não lhes mete medo. Antes pelo contrário. Aviva a cor dos cartazes da campanha eleitoral. Mostra que, perante a pusilanimidade do PS, o PC é a verdadeira face da esquerda. Para o PC, a luta nas urnas é apenas uma batalha. Importante, mas apenas uma batalha. O fundamental é tornar o partido cada vez mais forte, coeso e decidido. Dois mortos no Alentejo é apenas um aviso. O primeiro rufar dos tambores. Enquanto S. Bento e Belém forçam o que são, temos todas as razões para acreditar que o pior está para vir...

F. G.